

ABELARDO FIRMINO

Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
na Escola Normal Superior
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: aff.bio17@uea.edu.br

A minha mãe, meu pai e minha irmã vieram me visitar aqui em Manaus, chegaram aqui no final do mês de janeiro, e ficaram comigo até o final de fevereiro. No início de março meu pai e minha irmã voltaram para interior, só a minha mãe ficou esperando o nascimento do meu filho, ela queria voltar só no final de abril depois de que meu filho já nasceu (meu filho nasceu no dia 15 de abril), só que a minha mãe não conseguiu voltar no final de abril porque a quarentena começou no dia 17 de março depois deste dia ninguém mais sair da casa e assim ela não tem como mais voltar para interior, porque nenhum barco leva passageiro, e assim ela ficou presa aqui e ela está aqui até agora, não consegue voltar. Meu pai no interior estava muito preocupado com nós, ele sempre nos perguntou no celular se não aconteceu nada com nós. E nós aqui respondemos que estamos bem.

Em relação à nossa saúde, nós todos estamos bem, todos com saúde, sempre ficamos em casa, medo de sair, medo de se contaminar e ou até mesmo medo de perder alguém da nossa querida. Eu só saía de casa quando precisava comprar comida

ARLENE GONZAGA JOÃO

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia
na Escola Normal Superior
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: agj.geo18@uea.edu.br

Minha experiência durante o isolamento, é só ficar em casa, medo de sair, medo de contaminar, porque sei que estou longe da minha família. Uma coisa me dá medo é que meu filho nasceu no meio do isolamento no dia 15 de abril. Tive grande medo de meu filho se contaminar, até medo de perder meu filho no caso de se contaminar com a doença porque está no grupo de risco. Por isso, durante o isolamento sempre ficamos em casa, cuidando das nossas vidas. Mais uma coisa interessante é que até agora estamos bem, todos com saúdes e com vidas.

CÉLIA APARECIDA BETTIOL

Professora na Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: celiabbettiol@gmail.com

Eu estava em Atalaia do Norte ministrando com mais dois colegas a disciplina de Estágio Supervisionado, quando ouvimos os noticiários de que a pandemia chegara ao Brasil e, naquele momento, Rio de Janeiro e São Paulo já acumulavam números alarmantes de contaminados e as primeiras mortes.

Antes de finalizarmos a disciplina, os indígenas acadêmicos do curso de Pedagogia Intercultural Indígena nos indagaram sobre essas notícias e demonstraram temor pela doença, relembrando os momentos vividos por eles durante o Curso de magistério quando passaram por um surto de hepatite e perderam alguns companheiros.

Essas preocupações me tomaram o sossego e quando chegamos em Manaus no dia 15 de março já estávamos com o vírus se espalhando por aqui. A partir daí me lembro do caos e da correria que se instalou. Entre reuniões, discussões e estatísticas assustadoras o calendário acadêmico foi suspenso e entramos no isolamento social.

Um problema familiar de saúde chegou com a força das ventanias bravas varrendo meu coração, fazendo um barulho que me perturbou, me alarmou, me arrancou lágrimas e me atravessou de medo. Então, eu me lembro dos momentos de angústia, insegurança, fragilidade e das noites de insônia.

Em família, buscamos na espiritualidade nosso conforto e nosso apoio. Nesse tempo perdemos amigos, conhecidos e líderes indígenas para o vírus que nos amedronta com o número crescente de mortes e de famílias enlutadas. O sentimento de impotência foi grande e ao mesmo tempo de muita indignação com os governantes pela sua conduta diante da tragédia que assola o mundo e nosso país.

Para mim o isolamento trouxe, para além dessas dores, um convívio mais próximo com a família, a busca do sagrado e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre nós.

Entre tantas coisas, é necessário também dizer que o isolamento me colocou num modo de espera. Sim, de espera. Porque eu espero o dia de poder sair, abraçar os amigos, conhecer o Hector, celebrar a vida de todos nós, dançar o Marakanandé na pracinha da ENS, cantar e nos alegrarmos num grande ritual da vida nova.

DARCINEIA GONÇALVES SALDANHA

Acadêmica do curso de Enfermagem
na Escola Superior de Ciências da Saúde
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA

E-mail: dgs.enf17@uea.edu.br

Estávamos seguindo com as nossas vidas naturalmente, até o momento em que começaram a surgir os primeiros casos de um vírus, que a princípio parecia apenas mais um, confiantes de que logo seria contido, continuamos com as nossas vidas, nossas preocupações, no entanto, este ser microscópico, rapidamente mostrou a sua fatalidade, ceifando vidas de diversos povos do mundo inteiro, sem distinção de classes sociais, raça ou cor, atravessando continentes, países, cidades, deixando rastros de morte, fome e desespero. Acompanhar diariamente o número crescente de pessoas vítimas de covid-19, foi uma cena tão surreal e assustadora, que antes só se vê em cenas de filmes de ficção científica. Aos poucos escolas, universidades, estabelecimentos, tudo foi paralisado. Pessoas desesperadas, em busca de vagas nos leitos de hospitais, outras dando seus últimos suspiros em corredores superlotados de hospitais, profissionais de saúde exaustos e esgotados fisicamente e psicologicamente. Ver pessoas reduzidas a números, sem nenhuma chance de permitir um funeral digno, arrancando dos familiares o direito de viver o luto, foi o momento mais difícil desta pandemia, talvez, nem o tempo seja capaz curar a dor das perdas.

Confinada, longe dos meus, o desespero bateu à porta, trazendo consigo, insônia, preocupação e angústia. A cada telefonema recebido, meu coração se contorcia de medo, medo de me deparar com as notícias de perdas. A vida já é difícil, quando deixamos o aconchego da família para irmos atrás dos nossos sonhos, em busca de um futuro melhor, no caminho existem milhares de desafios, o tempo não espera por ninguém, abrir mão da convivência com a família, dos momentos de partilha, são os preços pagos, que o tempo não restitui. Antes da pandemia surgir, eu já estava fragilizada psicologicamente, pois havia perdido meu avô e pouco tempo

depois a minha tia, não pude me despedir. Quando a pandemia se instalou e consequentemente os portos foram fechados, entrei num profundo desespero, pois temia pelos meus, de longe, acompanhei a perda de amigos, vizinhos, professores, pessoas que eram próximas a mim, me senti impotente. Estudar os fatos históricos sobre os surtos pandêmicos é completamente diferente do que viver uma pandemia. Semanas, meses e anos já se passaram, mas o medo e a angustia, continuam presentes.

Diante de tudo isso, a pandemia nos ensinou, da forma mais cruel e dolorosa possível, a valorizar a vida, a família e as coisas simples da vida, como uma conversa com amigos, momentos com os filhos, sobrinhos, dentre outras coisas que passam despercebidas no dia a dia, ofuscados pelas nossas preocupações, que julgamos serem importantes, trabalhos, estudos, dentre outros. A vida é uma só, vive-la da melhor forma possível é um privilégio que poucos conseguem. Do mais rico ao mais pobre, a morte chega igual para ambos.

DEISE SOCORRO DA SILVA GALVÃO

Licenciada em Pedagogia pela Escola Normal Superior na Universidade do Estado do Amazonas – UEA
E-mail: dsdsg.ped@uea.edu.br

Existem vários tipos diferentes de memórias, tratando-se do que aconteceu em março de 2019 em que o mundo começou a vivenciar a maior pandemia dos últimos tempos, é muito importante registrar esses acontecimentos que impactou as nossas rotinas de vida pessoal, familiar, profissional, entre outras formas de convivência.

A minha experiência de vida durante a pandemia traz o relato da forma em que enfrentei a doença, e das atividades que passei a ajudar as outras pessoas infectadas. Eu por minha vez aumentei muito a minha ansiedade por motivo de contrair a doença e perder completamente o olfato e o paladar, e outros sintomas como a dor de cabeça e dor no corpo, foi então que tive a ideia de cultivar o uso das plantas medicinais pelo fato de eu ser indígena da etnia Baré utilizamos as nossas crenças para curas através de ervas e benzimentos que fazem parte das nossas culturas e tradições.

Em meio a essa vivência surgiram o medo e a ansiedade a ponto de provocar o stress e até mesmo a nos deixar em pânico por não sabermos como lidar com tudo o que estava acontecendo, com os noticiários tivemos que nos isolar da família, dos amigos, dos animais, causando uma grande tristeza em meio a sociedade.

Durante eu ter contraído a doença eu comecei a fazer os chás com a mistura de outras ervas específicas para o tratamento da Covid-19, tive ótimo resultado de melhora, os sintomas amenizaram. Desde então comecei a compartilhar o chá juntamente com as ervas conhecidas como: o jambú, o boldo,

acrescentado com o limão e o alho este chá ajudou bastante a amenizar a cura da Covid-19, entre as pessoas nessas horas de pandemia a fé tomou conta interiormente com o intuito de vencer a doença.

Eu particularmente nunca irei esquecer esses tormentos que vivi durante esses planos afetivos mudando a relação entre famílias afetando a continuidade das escolas, trabalhos e grupos sociais alterando toda a rotina da vida em sociedade em geral.

Outro ponto importante em relação a Covid-19 foi a aproximação total das pessoas em termos da empatia pelo outro, tornando o mundo mais humano na forma de ajudar o próximo, e o retorno às suas religiões, mesmo que essas lembranças sejam dolorosas vão ficar marcadas em minha memória porque foi muito importante para o meu conhecimento e crescimento pessoal, vou ter a oportunidade de compartilhar com os meus netos sobre esses acontecimentos.

Diante a essas reflexões em tempo de pandemia e incertezas de como serão as nossas vidas daqui pra frente, apesar do avanço das vacinas, a minha maneira de enxergar o mundo vai ser outra, com um pouco de dúvidas, mas acreditando na Ciência com a esperança de dias melhores, porque a doença ainda continua apesar da baixa proporção procuro ver a vida com mais positivismo levantando a minha autoestima dando mais valor à família, aos amigos, proporcionando assim, mais qualidade de vida.

ELIAS BALTAZAR DA COSTA

Licenciado em Pedagogia
pela Escola Normal Superior da
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: ebdc.ped@uea.edu.br

O que dizer do período de isolamento social por causa da pandemia do Covid-19? Como se expressar? Quais nossos sentimentos? E o que dizer diante de tantas perdas?

Pode-se nomear como um período bastante marcante de muito sofrimento, desespero, muita dor, humanismo, compaixão, de descobertas no combate ao vírus e de buscar cada vez mais a nossa fé. O período de isolamento social, nada mais é, como um novo aprendiz no mundo que vivemos, mostrou o distanciamento de sentimentos, de laços familiares e amigáveis, do tocar, do abraçar, do beijar e do caminhar à distância, ou seja, uma falta de emoção e afeição, sendo acontecida apenas virtualmente, algo do qual foi e é difícil de aceitar, a cada prolongamento da pandemia, era como se estivéssemos excluídos do mundo e da humanidade, praticamente um ser sozinho, sem ninguém, e sem contar com alguém. Os momentos de alegrias, compartilhamentos, diversões, festejos, datas comemorativas e todos os outros momentos, dos quais éramos rodeados de pessoas e de muitas coisas para usufruir e aproveitar, acabaram se tornando implícitos, como se não fizessem ou não fariam mais parte de nossas vidas. Existem vários tipos diferentes de memórias, tratando-se do que aconteceu em março de 2019 em que o mundo começou a vivenciar a maior pandemia dos últimos tempos, é muito importante registrar esses acontecimentos que impactou as nossas rotinas de vida pessoal, familiar, profissional, entre outras formas de convivência.

A minha experiência de vida durante a pandemia traz o relato da forma em que enfrentei a doença, e das atividades que passei a ajudar as outras pessoas infectadas. Eu por minha vez aumentei muito a minha ansiedade por motivo de contrair a doença e perder completamente o olfato e o paladar, e outros sintomas como a dor de cabeça e dor no corpo, foi então

que tive a ideia de cultivar o uso das plantas medicinais pelo fato de eu ser indígena da etnia Baré utilizamos as nossas crenças para curas através de ervas e benzimentos que fazem parte das nossas culturas e tradições.

Em meio a essa vivência surgiram o medo e a ansiedade a ponto de provocar o stress e até mesmo a nos deixar em pânico por não sabermos como lidar com tudo o que estava acontecendo, com os noticiários tivemos que nos isolar da família, dos amigos, dos animais, causando uma grande tristeza em meio a sociedade.

Durante eu ter contraído a doença eu comecei a fazer os chás com a mistura de outras ervas específicas para o tratamento da Covid-19, tive ótimo resultado de melhora, os sintomas amenizaram. Desde então comecei a compartilhar o chá juntamente com as ervas conhecidas como: o jambú, o boldo,

acrescentado com o limão e o alho este chá ajudou bastante a amenizar a cura da Covid-19, entre as pessoas nessas horas de pandemia a fé tomou conta interiormente com o intuito de vencer a doença.

Eu particularmente nunca irei esquecer esses tormentos que vivi durante esses planos afetivos mudando a relação entre famílias afetando a continuidade das escolas, trabalhos e grupos sociais alterando toda a rotina da vida em sociedade em geral.

Outro ponto importante em relação a Covid-19 foi a aproximação total das pessoas em termos da empatia pelo outro, tornando o mundo mais humano na forma de ajudar o próximo, e o retorno às suas religiões, mesmo que essas lembranças sejam dolorosas vão ficar marcadas em minha memória porque foi muito importante para o meu conhecimento e crescimento pessoal, vou ter a oportunidade de compartilhar com os meus netos sobre esses acontecimentos.

Diante a essas reflexões em tempo de pandemia e incertezas de como serão as nossas vidas daqui pra frente, apesar do avanço das vacinas, a minha maneira de enxergar o mundo vai ser outra, com um pouco de dúvidas, mas acreditando na Ciência com a esperança de dias melhores, porque a doença ainda continua apesar da baixa proporção procuro ver a vida com mais positivismo levantando a minha autoestima dando mais valor à família, aos amigos, proporcionando assim, mais qualidade de vida.

Lembro-me bem do medo de perder algum ente querido ou familiar. No começo da pandemia, minha família foi afetada, não sabíamos para onde correr ou pedir socorro, só éramos nós ali, todos doentes e impotentes, mas mesmo assim permanecíamos unidos e buscando cura. Devo dizer que foi difícil, mas nossa fé aumentou mais ainda, e os saberes de nossos anciões foram de grande importância na nossa recuperação. Destaco também, o quanto era triste e desesperador assistir ou ouvir nas mídias tantas mortes de crianças, adolescentes, adultos, jovens e idosos (as). No entanto, o vírus não escolheu idade, imunidade, deficiência, ou qualquer outro tipo de estado de pessoas, apenas saiu devastando nossas casas, levando entes, e nos deixando com vazios de muita saudade e dor pelos que partiram e que não fazem mais parte deste mundo.

Enfim, o período de isolamento social foi difícil, mas nos deixou uma grande lição de como é importante aproveitar e usufruir cada momento da vida, de amar imensamente as pessoas que estão ao seu redor, e ter um olhar mais bondoso e humanitário, ou seja, “saber servir e ser servido”, “saber amar e ser amado”, então viva o presente, pois o amanhã pode ser tarde demais.

ESTÉLIO MUNDURUKU

Mestrando em Geografia
pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
E-mail: elcr.geo17@uea.edu.br

Durante o início do isolamento social ao qual vivemos quase 4 meses sem sair de casa, sem ir à esquina e principalmente sem poder abraçar e visitar os familiares e amigos, foi quase um distanciamento sem fim. Meus alicerces nesse momento foram Tupanhã, meus tios e primos, atualmente moro na casa dos meus tios e sempre buscamos conversar e não ficar pensando em coisas ruins porque atualmente em todos os noticiários não se assistia mais outros programas a não ser a notícia do coronavírus. Isso me deixava muito preocupado e com muito medo de contrair o vírus, também pensava dia e noite nos meus pais, avó e irmãos, no fundo, eu sabia que logo o vírus chegaria na minha aldeia e só pedia à Tupanhã que pouasse a vida de todos os Mundurukus e principalmente da minha família.

No dia 1 de abril de 2020 infelizmente, nós todos da casa dos meus tios contraímos o vírus, não tínhamos certeza se era o vírus ou não, mas os sintomas que todos da casa sentiram já dava de suspeitar. Passamos quase duas semanas bastante mal em casa, um dos dias mais assustador pois todos estavam doentes e não tinha como socorrer um ao outro a não ser indo no hospital. Buscamos ajuda médica, parecia que os remédios não faziam efeito, melhoramos somente na hora da medicação, mas quando o efeito passava tudo voltava novamente, para ter melhora foi preciso ir 3 vezes no SPA. Com tudo que passamos, conseguimos vencer a doença e mais tarde depois fizemos os testes e deu positivo. Naquele momento não pensava em mais nada, só queria ir para casa depois do sufoco, então não podia, estava tudo vedado às embarcações e com isso a tristeza vinha por não estar perto dos meus pais.

Quando soube da notícia do primeiro caso na aldeia Kwatá, fiquei muito preocupado e quase toda hora estava me comunicando com os parentes, permaneci mais triste ainda com a perda de alguns moradores antigos ao qual, eram uma verdadeira biblioteca que íamos ficar sem saber de nossas raízes. Todos os Mundurukus contrariam a covid-19 e mesmo

com perda de alguns, me alegro em saber que estão tendo melhoras e outros já melhoraram.

A covid-19 é uma doença que trouxe lástimas para nós enquanto seres humanos, pelo menos na minha existência foi a primeira vez que vi quase uma extinção da sociedade mundial. Mesmo com tanta diferença social, percebi que todos nós vivemos num só lugar, respiramos o mesmo ar e que nem mesmo o mais alto escalão da nobreza escapou da doença, nesse momento entendemos que toda sociedade se encontrou unida na luta contra o coronavírus. Um ponto positivo, nos faz refletir, o vírus mostrou, que nunca vivemos só e isso foi perceptível porque precisamos uns dos outros. Outro ponto também foi solidariedade, muitas pessoas se mobilizaram para ajudar outras, é importante enfatizar que o vírus não trouxe apenas dor, mas também evidenciou uma sociedade solidária empenhada na empatia com outras pessoas. Com isso eu termino dizendo, ainda acredito na melhora do mundo e em uma sociedade sem preconceito, sem desigualdade e sem violência porque vidas humanas importam.

MARIA ALICE KARAPĀNA

Acadêmica do curso de Teatro
na Escola Superior de Artes e Turismo
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: madsp.tea20@uea.edu.br

Quinze de março de dois mil e vinte, quando houve o decreto para todos ficarem em casa devido à infecção do covid19, para quem havia começado uma faculdade por várias vezes ter adiado ou tentando passar no vestibular, e estava em sala de aula bilíngue indígena como professora, foi difícil se manter longe de todos para quem está acostumada a estar presente na vida dos parentes, colegas e familiares. Foi um sentimento de impotência diante da causa que estava iniciando para a vida de todos. Todos começaram a adoecer: febre alta, dores por todo corpo, tosses, infecção intestinal e pulmão.

Pessoas morrendo nos hospitais, a mídia expondo como terrorismo, equipe dos médicos que saíram de área. Usamos o que tínhamos para combater a doença: remédios caseiro e da farmácia. Os nossos anciãos mais velhos estavam graves, sem condições de andar ou se alimentar. Já não podíamos estar juntos, pois tínhamos que ficar em casa: decreto e mais decretos, mas não impediam a morte nos hospitais. Até o momento em que houve a determinação de remover o meu pai e irmão para o hospital Delphina Azis, tive que sair e ir até o hospital para ter a notícia dele. É revoltante o tratamento que é dado às pessoas nos hospitais públicos que é mantido com nosso imposto. A partir desse momento, passei a ir ver ou visitar os irmãos e parentes, sabendo que todos já estavam doentes, e buscar ajuda de médicos, alimentos e auxílio social.

Com o falecimento do meu irmão, fui buscar ajuda jurídica junto aos órgãos federais após ter lido o documento que o meu assinou para ser cobaia no hospital.

O chorar ou o luto, não havia tempo para isso, se neste momento, as pessoas não tinham o direito de escolher se podiam viver ou morrer ou ter um enterro digno. Eram tratados como animais. Parece que o prazer era fazer sofrer mais, mas por parte dos três poderes que estava em sua vida.

Achando que estavam imunes, só na segunda onda que sentiram o peso do sangue das pessoas inocentes. O meu pai tinha feito todo o tratamento de covid19, mas mesmo assim foi internado na ala do covid19, tive mais uma vez que entrar novamente na ala do covid19 para tirar o meu pai. Foi dado 48 horas para ele viver, mas, graças a Deus, viveu 41 dias. Reuniu filhos, netos, bisnetos, autoridade, médico, pajés, religioso entre outros. Ainda estou aqui na luta, pois ainda não terminou.

VANDA ORTEGA WITOTO

Acadêmica em Licenciatura em Pedagogia
na Escola Normal Superior
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: vanda.ortegaam@gmail.com

Iniciamos o ano de 2020 dentro de uma normalidade aparente mesmo com as notícias já circulando ao redor do mundo de que havia um vírus muito cruel circulando em terras muito distante de nós, e por aqui talvez por sermos considerados um lugar longínquo do resto do mundo não assustava tanto a notícia até mesmo para nossas autoridades que até então não tomara nenhuma medida para evitar que o vírus entrasse em nosso país. As nossas fronteiras e aeroportos continuavam abertos, o carnaval que traz sempre pessoas do mundo inteiro aconteceu e todo mundo seguia seu fluxo.

Viemos perceber que algo estava acontecendo quando no Amazonas registrou o primeiro caso da doença que foi em uma sexta feira dia 13 de março de 2020, a paciente era uma mulher de 39 anos que tinha chegado recentemente de Londres. O vírus o acompanhou nesta viagem querendo novos ares, novo sol, novos coloridos da Amazônia, ambiente ideal para a mutação do vírus, que meses depois causaria uma grande tragédia em nosso Estado. Em seguida, após esta confirmação no dia 16 de março de 2020 tivemos o primeiro decreto do governo do Estado do Amazonas suspendendo as atividades não essenciais, fecharam as escolas e as universidades, não podia mais circular, aí se iniciava o isolamento pra uns privilegiados e a luta pela sobrevivência na rua dos isolados e abandonados socialmente.

Vivo na comunidade indígena Parque das Tribos localizado às margens do Rio Tarumã Açu, local distante do centro da cidade, aqui vivem 700 famílias de 30 etnias, mas temos família não indígenas que buscaram moradia e foram acolhidos, um lugar onde as ruas são de terra batida, onde os Urues (crianças na língua Witoto) correm o dia inteiro brincando e sendo criança, aqui estamos cercado pela mata verde da floresta que ainda resiste e ainda somos abraçados pelo Rio Negro que corre atrás de nossas casas pelo braço do Rio Tarumã Açu, as casas em sua maioria feita de compensado medindo 4x4 em um território de 10x20 que carrega o sonho de ter um lugar digno pra viver e vivenciar sua cultura. Nossa energia não é regular na maior

parte da comunidade, o famoso “gato” e por isso sofremos constantemente com a falta de energia, água potável na torneira chegou somente em janeiro de 2021, passamos a pandemia inteira sem água.

Mas em nosso território não foi o vírus que chegou primeiro, com a suspensão das atividades não essenciais nossas famílias foram afetadas primeiro com a fome. E a fome para os povos indígenas em contexto de cidade é algo muito presente e doloroso em nosso dia a dia pois na cidade não temos território suficiente para que possamos fazer roças, não conseguimos pescar para garantir o alimento do dia e aqui o sistema é capitalista, tudo precisa de dinheiro e como muitos não conseguem ser absorvido pelo mercado de trabalho por não terem estudos e maioria das nossas famílias são lideradas por mulheres que cuidam de seus filhos, e são elas que provêm alimento para suas famílias através do artesanato que elas produzem e vendem fora da comunidade nas feiras locais e nas universidades onde seus filhos estudam ou através do trabalho doméstico.

Diante dessa necessidade, iniciamos uma campanha nas redes sociais para garantir alimentação das nossas famílias, à medida que ia passando os dias mais famílias apresentavam a mesma necessidade por alimento e a nossa campanha se intensificou nas redes sociais, mobilizamos a universidade, os amigos, a sociedade de uma forma geral, para que pudessem trazer algo para saciar a fome aqui.

À medida que se intensificaram as notícias na TV de que o vírus avançava em nossa cidade e a cada dia o número de internações aumentava, eu tive a iniciativa de fazer orientações de distanciamento social e uso de máscara que estavam sendo orientadas pelas organizações de saúde, comecei a gravar pequenos vídeos demonstrando como se usa a máscara, quais os cuidados deveríamos ter e principalmente a preocupação diante da orientação de isolamento pois nossas casas são muito pequenas e abrigam muitas pessoas dentro, este isolamento e esta orientação não era adequada, não fazia sentido para nós. Além do aspecto físico imposto pelas nossas moradias o aspecto cultural dos nossos povos também dificultou este isolamento, nossas famílias costumam viver em ambientes coletivos onde se come junto no chão de suas salas onde dormem em redes em quartos

pequenos com cinco, seis e sete redes têm famílias com onze membros, como orientar o isolamento não fazia sentido.

A partir do entendimento que não era possível esse isolamento o nosso foco foi na orientação do uso das máscara, então no momento que estivessem juntos todos pudessem fazer o uso de máscaras e assim que alguém tivesse sintomas pudesse entrar em contato comigo por mais leve que fosse o sintoma, então começamos a relatar os sintomas que estavam sendo colocados na TV que as pessoas estavam sentindo e a minha orientação era que assim que ela sentisse um desses sintomas como febre, dor de cabeça, coriza no nariz, tosse, elas pudessem entrar em contato comigo imediatamente para que pudéssemos dar atenção àquele sintoma que apresentava. Além dessas orientações, começamos a fazer os chás das nossas medicinas tradicionais, foram orientados para que tomássemos antes de apresentar os sintomas e quando os sintomas apresentavam, se intensificaram o uso.

No final de março começaram os primeiros sintomas de febre, tosse, dores no corpo, comecei a receber ligação dos nossos parentes pedindo remédio para febre, naquele momento se inicia uma das experiências que nunca pensei viver, precisei de coragem para enfrentar o medo da doença até então desconhecida e sem nenhuma orientação de cura. Naquele momento onde os grandes desafio era ter equipamentos de proteção individual que pudesse garantir a minha segurança, os parentes não tinham condição de comprar máscaras e aí diante disso, sugeri a minha mãe por ela saber costurar, iniciasse uma produção de máscara que pudesse doar para os parentes que estavam tossindo, comprei 6 m de TNT e minha mãe começa a costurar com duas costureiras, uma Munduruku e outra Baré, e orientamos aos parentes que aqueles que estivessem tossindo pudesse mandar alguém buscar um par de máscara para seu uso individual. Aquelas máscaras de TNT foram usadas por mim inicialmente pois era as únicas que tínhamos para minha proteção, usava chinelo, calça comprida e um avental de tecido que eu tenho da minha área de enfermagem, alguém me ligava pra mim, pra conhecer os materiais e visitar os parentes, naquele momento inicial eu tinha apenas um termômetro e um aferidor de pressão arterial, com o aumento da demanda pedido ação nas redes sociais para que as pessoas pudessem me ajudar com equipamentos de proteção adequado,

além de equipamentos que pudesse cuidar melhor dos parentes, graças à solidariedade de muitos recebi capote descartável, máscaras N95, protetor facial oxímetro .

Inicialmente comecei a cuidar de 5 pessoas depois de 10 horas quando foi em abril estávamos com 40 indígenas apresentando sintomas de covid, mas até então por ter sido sintomas leves como se fosse gripe. Porém no dia 16 de abril recebi uma ligação às 7 horas da noite de um parente tuyuka relatando que sua mãe se encontrava com muitas dores no peito e não conseguia respirar direito com muita tosse e febre. Estava chegando na comunidade pois naquele dia estava trabalhando no ambulatório Alfredo da Matta. Após tomar um banho coloquei uma máscara, um avental, uma luva, coloquei meus equipamentos de temperatura, oxímetro e o aferidor de pressão arterial e me dirigir a sua casa, as ruas escuras dificultava caminhada na noite mas consegui chegar, a chegar em sua casa encontrou a parente deitada na rede tossindo bastante, respiração ofegante, toca em seu braço e percebo que sua temperatura está muito elevada ao aferir sua temperatura que estava 40 graus, coloco o esfigmomanômetro em seu braço e sua pressão arterial estava elevadíssima medindo 170 por 11, tentei fazer algumas perguntas para saber o que ela estava sentindo além do que eu estava vendo, ela não conseguia me responder pois a tosse cada tentativa de fala aumentava significativamente, coloquei o oxímetro em seu dedo a sua saturação média 87% fora dos padrões normais. Naquele momento eu me senti desorientada no sentido do que fazer, pois os seus parâmetros estavam todos alterados e o medo de que realmente aquela era uma situação de covid19. Naquele momento percebi que a nossa comunidade estava afetada pelo vírus, não retirei ela da rede e como ela apresentava dificuldade respiratória eu me retirei do local e fui tentar da minha residência fazer a chamada para ambulância para que pudesse transportar em segurança. Meus familiares não permitiram eu a levasse em meu carro pelo risco que apresentava de ser contaminada, meu pai falava minha filha não vá você precisa estar bem para cuidar das outras pessoas e diante de sua fala liguei para o SAMU, fiz a identificação da paciente como indígena e a comunidade da qual estávamos falando que era o parque das Tribos, quando eu me referir a paciente indígena a atendente me pediu para contatar a sesai pois é ela que cuida de índio, nesse momento precisei

respirar fundo e explicar a ela que nós somos indígenas em contextos de cidade e que por conta disso a sesai não nos atendia, não nos reconhecem contra indígena fora dos nossos territórios e ela insistia que nós temos um hospital específico para sermos atendidos, mas na verdade não havia nenhum hospital apenas a promessa da ministra Damares em construir um hospital para atender nossos parentes, diante da insistência de que eu precisava dar um ambulância para levar a minha parente ela resolve pedir dois pontos de referência para liberar ambulância porém nossa comunidade fica distante do centro da cidade o que nos cercam é a floresta Amazônia e o rio Tarumã Açu, temos um balneário à frente da comunidade porém não apresentava no seu mapa, por conta disso não foi possível liberar a ambulância, desliguei o telefone e contrariando a minha família coloquei duas máscara no rosto, peguei o meu carro e fui buscar nossa parenta com todo medo de ser infectado, com o nível de que ela pudesse ter uma parada no caminho, eu e o seu filho a colocamos no carro e às 8h da noite a levamos na UPA Campos Sales onde ela foi atendida em emergência, colocaram uma pulseira Rosa nela e ali eu percebi realmente que ela estava com o vírus. Após a sua entrada às 18h30 na unidade de pronto atendimento passaram-se horas para termos retorno de que ela estava bem, ficamos até às 3h da manhã em pé aguardando por suas notícias, de tanta insistência uma atendente buscou informação e nos disse que ela iria ficar internada e que poderíamos voltar para casa. Mas uma das piores experiências vivenciadas além destas foram a negligência do poder público com os povos indígenas em contexto de cidade durante a pandemia inteira, nossas comunidades ficaram desassistidas pelo poder público, todas as ações realizadas de cuidado e orientação partiram do conhecimento ancestral dos nossos povos com nossas medicinas tradicionais, os nossos benzimentos nossa defumação, e graça à sociedade Manauara e de outros lugares também que se mobilizaram para garantia de remédio, de alimento, de proteção para nossas comunidades pois sem eles não poderíamos também fazer nada. E à medida que a doença avançava mais angústia, mais pessoas, e no dia 13 de maio tivemos o primeiro óbito da nossa comunidade, a nossa liderança maior da comunidade, o cacique inicia rocama de 53 anos veio a óbito pela doença, foi um momento de muita tristeza de não ter conseguido salvar sua vida diante de todo o esforço que tivemos para que a sua vida fosse restaurada,

a cidade estava um caos, não havia leito suficiente para as pessoas e o medo de ir para o hospital e não retornar mais fez com que ele não buscasse o hospital, ele dizia que era índio forte da beira do Solimões e que esse vírus não pegaria, o vírus é muito cruel, arrancou uma das raízes fortes da nossa comunidade. O ano inteiro de 2020 se deu por longas caminhadas em nossa comunidade buscando ajudar os parentes. Já em 2021 com a segunda onda da covid-19 nossa comunidade foi afetada novamente pela covid-19, nesse momento tranças da comunidades se organizaram para construção de uma cobertura que pudesse atender os nossos parentes pois na segunda onda o vírus foi muito mais forte e afetou muito mais gente no mesmo tempo não permitindo que eu pudesse dar atenção a uma pessoa, construindo uma pequena cobertura onde colocamos redes, entramos em contato novamente através das redes sociais pedindo ajuda da sociedade para que pudéssemos estruturar com oxigênio hands a soro, remédios que a gente pudesse dar um atendimento digno para os nossos parentes diante do caos que se instalou novamente na nossa capital, não tinha oxigênio para todo mundo muitas pessoas morreram por falta de oxigênio e na nossa comunidade graças ao apoio da sociedade tivemos oxigênio, tivemos um suporte mesmo que precário que garantiu a vida dos nossos parentes.

Sou muito grata aos nossos espíritos sagrados por ter dado sabedoria para conduzir o enfrentamento da covid-19, todo nosso conhecimento ancestral das nossas medicinas tradicionais garantindo a sobrevivência da maioria dos nossos parentes diante desse cenário caótico da nossa cidade vivenciou, tivemos apenas dois óbitos na nossa comunidade e diante disso ficamos gratos e lamentamos pelas duas mortes mas se lembramos a vida dos que continuam de pé. Passei muitos dias com o corpo muito cansada, não comia direito, mas entendia que aquela volta tinha sido direcionada para mim pois eu tinha tido a oportunidade de ter informado como técnica de enfermagem e naquele momento todo conhecimento adquirido foi fundamental para a garantia da vida dos nossos parentes, celebro a vida do meu pai e da minha mãe e da minha família por estarem do meu lado contribuindo da melhor forma possível e me deram muita força para não desistir pois o fardo era muito largado.

WELLINGTON BRASIL DA COSTA JUNIOR

Acadêmico do curso de Teatro
na Escola Superior de Artes e Turismo
da Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: wbcj.tea17@uea.eu.br

Moro no coração da periferia de Manaus, Jorge Teixeira é o nome do bairro. A dúvida e o medo eram sentimentos estabelecidos porque alguns vizinhos começam a nos deixar e o número óbitos crescia cada vez mais, naquele momento o medo era ficar enfermo com qualquer doença uma vez que um vizinho vítima de infarto não foi atendido no hospital mais próximo e faleceu, o sentimento é de estado de guerra, sem ter pra onde correr ou pedir ajuda.

Em meio a esse redemoinho de caos, meu irmão e a sua esposa que trabalham no distrito industrial foram acometidos pela covid-19, tudo parecia a um fio de desmoronar, pois naquele momento a cidade de Manaus já era o epicentro da doença no Brasil.

Alguns diziam que o vírus é democrático que infecta a todos sem distinção, eu discordo, muito simbólico a primeira morte por covid19 ser uma empregada doméstica, uma vez que sua patroa foi a transmissora, a patroa teve condições de se tratar enquanto a empregada doméstica não, e, faleceu, o vírus tem dois aspectos, o social e o técnico.

Em várias crenças o mito do fim do mundo é presente, já ouvi que aconteceria em 2000, 2006 ou 2012, mas nunca imaginei que seria dessa forma. O mundo acabou, e a partir de agora, o que nascerá nesse novo mundo? Qual mundo nós deixamos antes da pandemia? São perguntas que volta e meia vem à cabeça, e pensar que no início desse ano quase houve a terceira guerra mundial, viver tantos fatos históricos assim de uma só vez é muito cansativo, disse um amigo que concordo.

WELLINGTON DIAS

Professor do curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo
da Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: wdias@uea.edu.br

No momento em que o mundo parou, em que tantas vidas se foram longe e perto de nós, fico a me perguntar que sentido tem o existir. Por entre sensações de desencanto, fragilidade, finitude e suspensão do tempo me vi fazendo uma análise diária de quais missões e sonhos ainda são capazes de nos tirar desse fundo do poço ao qual chegamos, não apenas em nosso país, mas no mundo.

Os encontros virtuais foram os possíveis refúgios, as ligações telefônicas com amigos, parentes e colegas de trabalho voltaram a povoar o meu cotidiano antes tão acostumado a encontros presenciais. Teve vários momentos em que a comunicação mediada por tecnologias me saturou, fiquei bugado, em pânico, cansado de tantos estímulos virtuais em meio ao cenário caótico e a avalanche de notícias tristes a cada dia.

Isolar-se, não sair nem mesmo no corredor do próprio prédio com medo de ser contaminado com esse vírus que o mundo ainda desconhecia seus modos de contágio e efeitos mortais...

Com resiliência, silêncio e olhando a cidade de Manaus pela janela por alguns meses pude viver uma das experiências mais dilacerantes de vida até então. Estar só, isolado, com uma mistura de sentimentos dentro do peito, querendo por vezes gritar, chorar, correr dentro de casa para manter a esperança de estar vivo e resistir dia após dia.

Dias melhores vieram e virão. Fui vacinado, mas por dentro a sensação de impotência e desalento por tantas pessoas que se foram sem essa oportunidade simples de imunização em um país que já foi referência mundial em vacinação, com uma estrutura pública de saúde modelo para muitas nações até de primeiro mundo.

Uma revolta sobe à garganta, inquieta-me por dentro e por fora pensar que só chegamos a esse colapso porque estamos com um presidente genocida e sua corja de aliados que desumanamente fizeram e fazem de tudo para lucrar e se beneficiar politicamente com todo esse horror que já extirpou a vida de mais de 520 mil brasileiros e brasileiras.

Por todas, todes e todos que se foram estendo a minha homenagem neste momento.

Que a justiça seja feita e que todos os culpados pelo avanço da pandemia de Covid-19 no Brasil sejam punidos e responsabilizados!

Axé!